

# **PRÁTICA DO FUTEBOL DOS BOLIVIANOS EM SÃO PAULO:**

## **UM ESTUDO DAS REDES DE SIGNIFICADOS**

**Autor: UBIRATAN SILVA ALVES**

### **INTRODUÇÃO**

A cidade de São Paulo, como qualquer grande centro urbano, sempre oferece a seus moradores e visitantes algo de novo e surpreendente. Em parte, esse contexto se deve à intensa e diversificada quantidade de culturas e pessoas que chegam à metrópole pelos mais diversos motivos, ficam nela e modificam as estruturas urbanas. Essas mudanças não são planejadas, tampouco podem ser previstas, pois, segundo Elias (1994), não existe um marco inicial, um ponto “zero” nas mudanças. O que existe é um processo que culmina, em algum momento, em transformações explicitadas, parecendo que apenas ocorreram a partir de um determinado período. O autor ainda revela que tudo está em processo e em movimento, que cada um faz parte do processo, ou, ainda, que somos o processo.

Os bolivianos e tantos outros imigrantes e migrantes praticamente já fazem parte da cidade, e é ingenuidade negar tal realidade. As questões relativas a indivíduo e sociedade são esclarecidas em Elias (1994) nas bases da teoria figuracional. Considerando-se essa teoria, é possível entender as teias de relações entre indivíduos interdependentes que se ligam entre si, fornecendo um instrumento conceitual que visa compreender que somos seres relacionais e vivemos em interdependência. Assim, paulistanos e bolivianos, além de outros imigrantes, formam uma grande rede de inter-relações e relações de poder que constituem a sociedade atual.

Descobrimos um ponto de encontro desses grupos de migrantes, a Praça *Kantuta*, localizada no centro da cidade de São Paulo, no bairro do Canindé. Nessa praça, diferentes grupos hispânicos, principalmente bolivianos, se reúnem aos domingos para recordar, por meio de comidas típicas, músicas, barracas de artesanatos com objetos de suas terras e futebol, as raízes que ficam a muitos quilômetros de São Paulo.

A entidade organizadora desta feira dominical que ocorre na Praça *Kantuta*, denomina-se Associação Gastronômica e Cultural Padre Bento.

## **OBJETIVOS**

Esta pesquisa optou pelo futebol como o grande desencadeador das discussões onde se buscou entender às configurações existentes entre os bolivianos que frequentam a praça. Esta, tida como um local onde se reproduz a cultura boliviana, não como uma cópia do original, mas sim com ressignificações numa cidade cosmopolita como é São Paulo.

Esses dados foram ampliados para além da Praça em questão onde estudou-se as figurações sociais, as relações de poder, a diferenciação e as redes de interdependência relacionadas à prática do futebol na Praça *Kantuta*.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa etnográfica teve uma característica de pesquisa que, de acordo com Eden e Huxham (2001), se aplica aos casos em que é necessário coletar dados mais sutis e significativos. Por conseguinte, pela ampla inserção do pesquisador no contexto da pesquisa e pelo seu envolvimento com os membros da organização pesquisada em torno de um interesse comum, os dados se tornam mais facilmente acessíveis.

As entrevistas e as observações ocorreram de maneira concomitante, e uma ação não invalidou a outra, mas sim potencializou seus entendimentos. No caso da aplicação das entrevistas, foram catalogadas em duas categorias, conforme Powney e Watts (1987). Uma categoria foi orientada para a resposta, e o pesquisador manteve o controle no decurso de todo o processo, e a outra foi orientada para a informação que visou circunscrever a percepção e o ponto de vista do sujeito diante de um dado contexto.

Os dados desta pesquisa foram coletados com cidadãos bolivianos, frequentadores da Praça *Kantuta* envolvidos com o futebol, e que, por livre vontade, aceitaram conversar sobre os temas propostos neste estudo.

Conversamos com 72 sujeitos, entre 15 e 48 anos, durante o período de pesquisa (agosto de 2007 até fevereiro de 2010), às vezes individualmente e às vezes em grupo, para que pudessem se sentir mais à vontade e não esconder nenhum relato.

## **A MIGRAÇÃO NO BRASIL: FUGA DA BOLÍVIA**

Silva (1999) aponta os anos 50 como o início da chegada dos bolivianos a São Paulo, principalmente por estudos, com um intercâmbio Brasil-Bolívia, ou ainda por fuga política. Esses antecedentes resultaram na permanência de alguns deles no Brasil devido à grande oferta de empregos.

Nos anos 60, em São Paulo, os bolivianos eram contratados para os trabalhos manuais nas oficinas de costura de propriedade dos coreanos que, antes disso, eram empregados dos judeus. Esses coreanos que fugiam do comunismo, durante o período em que eram empregados dos judeus, se fortaleceram financeiramente e, por isso, conseguiram montar suas próprias oficinas, importando tecidos da Ásia com preço baixo. Essas oficinas tinham como empregados dos serviços manuais os bolivianos que mantiveram o mesmo processo, ou seja, os que começaram como empregados pouco a pouco montavam suas próprias oficinas e traziam compatriotas para trabalharem.

A relevância dos movimentos migratórios da América Latina se destaca a partir da década de 70 devido ao processo de industrialização de países como o Brasil, a Argentina e a Venezuela. O destaque se explica também pela fuga de suas respectivas pátrias por divergências políticas.

A partir da década de 1980, houve um grande aumento do número de bolivianos que vinham para São Paulo, não mais perseguidos por governos autoritários ou com fins apenas acadêmicos. Bolivianos com nível escolar baixo passaram a vir em busca de trabalho. Esse aumento ocorreu em razão da crise econômica boliviana da época quando se destacou o processo de reorientação da mão de obra por conta da privatização do setor mineiro que provocou muitas demissões.

Silva (2006) constatou que essa busca ocorre pela procura de melhores condições de trabalho e de algum tipo de renda que, naquele país, não seria oferecida, e o sonho a ser alcançado perpassa a busca de uma qualidade de vida melhor para si e seus entes. Na Bolívia o trabalho é extremamente escasso e sem possibilidades de ascensão para aqueles que não conseguem ingressar numa faculdade, e o principal objetivo não é guardar dinheiro, mas sim ter uma vida um pouco melhor. Cerca de 70% da população boliviana economicamente ativa

vive na economia informal, pois, além do problema do desemprego, há falta de moradia e há saturação de serviços públicos como a saúde e a educação.

Em linhas gerais, o perfil dos bolivianos que vêm para o Brasil em busca de trabalho nas últimas décadas, de acordo com Silva (2005), é de jovens, solteiros, em sua maioria do sexo masculino (a presença feminina tem aumentado consideravelmente nos últimos anos), com nível de escolaridade médio. A atividade que mais atrai os bolivianos na cidade de São Paulo é a costura. Destacam-se nessa atividade algumas particularidades, como a rede de contratação e o aliciamento de mão de obra para esse setor, em que os já estabelecidos estimulam os compatriotas a virem somar força de trabalho.

Os bolivianos moram normalmente nas próprias confecções onde trabalham e precisam pagar tudo para o patrão, desde a máquina de costura que utilizam até a moradia, a água, a luz e a comida. Por isso, acabam endividados e praticamente “presos”, o que faz seus patrões, além de trancarem as portas das oficinas, ameaçarem chamar a Polícia Federal para deportar aqueles em situação ilegal, conforme Silva, 1997.

Nas pesquisas de Xavier e Cymbalista (2007), os autores ressaltam que a oficina é muito mais do que um local de trabalho, pois é lá que os bolivianos, além de trabalharem, comem e dormem em meio às máquinas de costura. A saída para a rua fica muito limitada porque é o próprio dono da oficina que faz as compras, obrigando os empregados a praticamente não terem necessidade de se ausentar do local.

As maneiras de se legalizarem são casando-se com um(a) brasileiro(a), tendo filhos nascidos aqui ou pais brasileiros. Existem ainda periodicamente promovidas pelo governo as ditas “anistias”, em que se legalizam os imigrantes em situação irregular. No entanto, a procura por essas anistias não é muito grande, pois o medo de contato com a polícia, os custos e a falta de informação são considerados as explicações para o baixo número de beneficiados.

## **FUTEBOL: FENÔMENO MUNDIAL**

O futebol, difundido e divulgado em todas as partes do mundo, foi o esporte escolhido como base inicial para o desenvolvimento deste trabalho, ainda que o foco deste estudo não seja exatamente o futebol, mas sim as configurações existentes baseadas nessa prática na Praça *Kantuta*.

Esse tema é um campo extremamente fértil para estudos e pesquisas. Não obstante, grande parte dos estudos sobre futebol se restringem a questões técnicas, táticas, regras, treinamento e história<sup>1</sup>. As ciências humanas enxergaram nessa modalidade muitas possibilidades de estudos, o que também aguçou o nosso interesse pelo tema, como é o caso da professora Heloisa Helena Baldy dos Reis (2006), que estuda a violência; Luiz Henrique de Toledo (1996), que estuda as torcidas organizadas; Jocimar Daolio (2006, 2005), que estuda as relações com a sociedade e cultura, bem como as superstições, e outros.

Além disso, Giulianotti (2002, p. 25) acrescenta que o código do futebol universal: “é utilizado para expressar formas particulares de identidade social e cultural”. O futebol hoje é praticado e divulgado da maneira como é, em razão do somatório de todos os fatores desencadeados individualmente por aqueles que, de maneira direta ou indireta, estiveram ou estão envolvidos nos processos. Entretanto, nada fora planejado para que se tornasse esse grande fenômeno mundial, tampouco fora previsto alcançar tal patamar.

O caráter democrático existente no futebol também é fascinante, não existindo nenhum tipo de definição dos participantes por conta de aspectos físicos. Todos podem participar independentemente da altura, peso ou velocidade, de acordo com Giulianotti, (2002). Há ainda um equilíbrio gerado entre o individual e o coletivo, em que a posição funcional, num olhar sociológico, sugere que a cultura do futebol nada mais é do que uma reprodução direta de relações sociais mais amplas. O mesmo autor diz que o futebol certamente é modelado por uma sociedade e dentro de uma sociedade mais ampla, produzindo seu próprio universo de relações de poder, significados, discursos e estilos estéticos. Esse contexto expressa aquilo que acreditamos existir entre os bolivianos que jogam futebol no Brasil.

De acordo com Daolio (2000), principalmente no Brasil, o futebol é uma forma que a sociedade encontrou para se expressar e para extravasar emoções como paixão, ódio, felicidade, tristeza, prazer, dor, fidelidade, resignação, coragem, fraqueza e tantas outras. Por ser dinâmico, o autor salienta que esse esporte reflete a própria sociedade brasileira.

---

<sup>1</sup> Concordamos com Franco (2007, p. 24) quando sinaliza que: “a história do futebol não pode ser dissociada da história geral das civilizações”.

O futebol, “melhor metáfora do Brasil como um todo” (Cony *in* Garamond 2002, p. 44), pode servir para estudar algumas questões relacionadas às sociedades. Todavia, concordamos com Giulianotti (2002, p. 12) quando afirma que:

“os aspectos do futebol somente passam a ser significativos quando colocados em seu contexto histórico e cultural. O futebol não é dependente nem sequer isolado das influências do meio mais amplo; existe uma relativa autonomia entre os dois.”

### **PRAÇA KANTUTA: LOCAL DA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO**

A Praça *Kantuta* é oficialmente instalada pela prefeitura no bairro do Pari no início do mês de junho de 2002. Em 2003, a feira típica boliviana *Kantuta* foi oficializada numa portaria do Diário Oficial. Oficialmente reconhecida em 2004, a praça, chamada de Praça *Kantuta*, está localizada próxima à estação do metrô Armênia, entre as ruas Pedro Vicente, Carnot e das Olarias, no bairro do Pari.

Em 1º de julho de 2002, foi fundada a Associação Gastronômica Cultural e Folclórica Boliviana “Padre Bento”, sustentada pelos próprios feirantes que administram a feira.

Durante a semana, não existe nenhuma atividade formal no local. Por isso, infelizmente, a praça é frequentada por moradores de rua que fazem uso de álcool e drogas. Aos domingos, quando acontece a tradicional feira, o lugar fica tomado por barracas típicas e pela prática esportiva do futsal na quadra localizada no centro da praça.

O nome da praça é uma homenagem à flor que cresce no altiplano andino e que tem as cores verde, amarela e vermelha, as mesmas da bandeira da Bolívia.

Atualmente a feira oferece aos visitantes barracas de artesanato, fotos, vídeos, cabeleireiros e brinquedos para as crianças além de comidas típicas bolivianas, como cereais, doces, pães, bolos, sucos tradicionais e pratos típicos, como as famosas saltenhas (*salteñas* em castelhano). A saltenha é um tipo de empanada suculenta, assada em forno, que pode ser recheada com legumes, carne de frango, boi, porco, contendo especiarias e outros ingredientes. Tradicionalmente o recheio é bem ensopado e consumido com colher. Na feira da Praça *Kantuta*, as saltenhas sofreram adaptações para o Brasil, sendo feitas também de queijo, presunto e doces.

Em média, duas mil pessoas visitam a Praça *Kantuta* a cada domingo, chegando a seis mil em dias festivos. 90% são bolivianos, entre nativos e descendentes que vão à praça para se encontrarem, se divertirem, degustarem comidas típicas, procurarem emprego, “paquerarem” e viverem um pouco dos costumes de seu país.

Se, por um lado, a feira contribui para reforçar a identidade dos bolivianos em São Paulo, por outro, propicia a exacerbação de preconceitos que acabam sendo extensivos a todos os bolivianos na cidade. Isso acontece principalmente quando os paulistanos, de maneira equivocada, dizem que eles são um povo “sem cultura”.

É importante ressaltar que as relações políticas e econômicas do Brasil sempre priorizaram estreitar laços com países da Europa e com os Estados Unidos. Isso inviabilizou conhecer a grandeza e a riqueza de costumes e tradições dos nossos vizinhos latinos.

## **A PESQUISA: OS SUJEITOS DA PRAÇA**

A maior parte dos bolivianos desenvolve suas atividades profissionais relacionadas ao ramo da costura, trabalhando nas máquinas ou como donos de oficina. A entrada em tal ramo de atividade acontece rapidamente, pois as pequenas confecções necessitam constantemente desse tipo de mão de obra. Em sua maioria, as confecções são constituídas como um empreendimento familiar e de certa forma artesanal, o qual tende a crescer e utilizar tecnologias mais avançadas. Essas confecções se utilizam de uma rede de aliciamento e contratação de mão de obra predominantemente “indocumentada”, com baixa remuneração e recém-chegada da Bolívia.

De acordo com registros das Unidades Básicas de Saúde da região central de São Paulo, a maioria dos acometidos por tuberculose<sup>2</sup> é constituída de bolivianos, por conta dos trabalhos com costura.

Os jogadores bolivianos que jogam futsal na praça, entre eles, tem uma relação muito intensa. Para a equipe participar do campeonato, é necessário desembolsar uma quantia em dinheiro para arcar com os custos que, além dos uniformes, são da organização, como

---

<sup>2</sup> A tuberculose ocorre principalmente pelas más condições de trabalho. As oficinas têm pouca ventilação, e a alimentação é pobre em proteínas e vitaminas. Outras doenças de cunho ortopédico, como desvios posturais e lombalgia, também se fazem presente entre eles pelo tempo excessivo que ficam sentados nas cadeiras em frente das máquinas de costura numa posição quase que imóvel.

arbitragem, medalhas, bolas, redes, entre outros. Estes custos são arcados pelos donos das equipes, chamados de "delegados", que também são donos de oficina. Não jogam, apenas dirigem o grupo, pagam as contas e tomam conta de tudo que envolve as ações do time. Eles exercem certo poder sobre os jogadores, pois, como são possuidores do dinheiro que banca a permanência do time na competição, são ainda muitas vezes patrões dos jogadores nas oficinas das quais são donos. Ou seja, o respeito e o medo ficam meio amalgamados nos sentimentos que relacionam jogadores e delegados. A relação de dominação e de exploração parece ir além das paredes das oficinas de costura, chegando às linhas da quadra de jogo. Nesse caso a “dádiva” parece se transformar em “dívida”, existindo uma dupla obediência, ou seja, na oficina e no futebol.

## **ENTRELAÇAMENTOS FINAIS**

O Brasil é tido como uma nação hospitaleira, mas o imigrante pode ter dificuldade de deixar-se absorver. Já seus filhos e netos se tornam brasileiros com certa facilidade.

Os bolivianos que vivem em São Paulo, cada qual com suas lentes, ao depararem com o cotidiano da vida no Brasil, fazem suas interpretações e reinterpretações dos novos destinos que ora se moldam em suas vidas. Sobreviver num outro país implica reconstruir representações sociais e se adaptar aos novos processos existentes na nova sociedade.

Própria da espécie humana é a faculdade mimética para transformar e ressignificar os novos saberes adquiridos no país. No caso dos bolivianos no Brasil, tal capacidade pode ser observada pela organização do futebol na Praça *Kantuta*. Um olhar atento sobre esse futebol revela diversas realidades interessantes na forma moderna de prática esportiva e de práticas culturais arraigadas no ser humano, independentemente de seus ambientes históricos específicos. Mais do que atento, porém, tal olhar deve estar despido de preconceitos e de valores externos.

As redes e o poder identificados pelos dados desta pesquisa sinalizam para uma dependência dos praticantes de futebol, os jogadores, para com os seus respectivos “delegados”, os “donos” dos times. Tais “donos”, mesmo demonstrando aparentemente desconhecimento técnico e tático da modalidade nas questões relacionadas a dirigir efetivamente a equipe durante os jogos, apresentam domínio nas ações dos jogadores, estabelecendo locais, horários e procedimentos antes, durante e depois dos jogos.



As configurações são as relações que existem desde as oficinas de confecções onde o funcionário muitas vezes não tem direito de optar onde vai jogar. É praticamente obrigado a jogar no time de seu patrão, o delegado, criando um compromisso dos jogadores/funcionários com o dono da confecção.

As oficinas de propriedade dos próprios bolivianos foram constituídas pelo trabalho “deles” nas máquinas de costura, os quais, depois de juntarem dinheiro, montaram seus próprios negócios. As redes, após a abertura de uma oficina, ocorrem com o chamamento de outros bolivianos para trabalharem nas máquinas. Assim, continuam perpetuando tais processos, como ocorreu tempos atrás com indivíduos de outras nacionalidades.

As condições de trabalho e de moradia de alguns grupos de bolivianos em São Paulo são desumanas. O que se vê são as camas de dormir ao lado das máquinas de costura, inviabilizando qualquer tipo de movimentação no local. Como muitas das famílias que moram no local de trabalho têm crianças pequenas, estas sofrem com a falta de mobilidade, bem como de assistência por parte dos pais que ficam concentrados em suas máquinas, produzindo suas “rendas”, sem dar atenção ao desenvolvimento dos pequeninos. Com isso, as crianças pequenas que não vão à escola são criadas nesse ambiente desfavorável.

Absortos pela vontade de juntar dinheiro e preocupados com as dívidas contraídas logo que chegam, os bolivianos passam a maior parte do tempo de suas vidas fechados nas oficinas/moradias que, além de tudo, têm pouca ventilação. Esses locais funcionam praticamente durante as 24 horas do dia, com os funcionários se revezando nas máquinas para cumprirem os curtos prazos de entrega acordados com os donos das oficinas, o que causa um aumento da temperatura interna das casas. Diante desse quadro, a higiene interna do local fica comprometida, e conseqüentemente alguns são acometidos por doenças relacionadas às atividades profissionais e às condições existentes nas residências.

As doenças que mais acometem os bolivianos que trabalham nesses locais são as relacionadas ao sistema respiratório. Pela própria natureza das atividades, forma-se uma grande quantidade de pedaços de tecidos, linhas e poeira gerados pelas costuras. Os fragmentos oriundos das peças, que ora estão sendo manuseadas, ora costuradas, empilhadas e por fim encaixotadas para serem levadas aos respectivos contratantes, são aspirados pelos

trabalhadores e causam as enfermidades relacionadas à respiração. As mais comuns são gripes, alergias, rinites, bronquites, enfisema; as mais graves, tuberculose e pneumonia.

Outras enfermidades que os bolivianos contraem nas oficinas estão relacionadas ao sistema muscular e esquelético. Os trabalhadores permanecem em média entre 12 e 16 horas por dia sentados numa cadeira na frente da máquina de costura, executando uma mesma ação motora repetidas vezes. Tais procedimentos levam os bolivianos a desenvolverem doenças como distensões, tendinites e artrites; desvios posturais como escoliose, lordose e cifose; além das câimbras quase que diárias.

A anemia também assola boa parte dos bolivianos que atuam nas oficinas. Além de não se alimentarem em horários regulares, o tipo, a qualidade e a quantidade de alimentos por eles ingeridos nem sempre são adequados para suprir as necessidades diárias desses trabalhadores. A principal carência causadora da anemia é a de ferro, encontrado principalmente nas carnes vermelhas e no feijão, que têm custo alto para serem consumidos regularmente. Como a anemia causa fadiga generalizada e indisposição, os bolivianos anêmicos ficam privados de trabalhar e de gerar renda.

Ressaltamos que, por conta do medo de serem abordados em hospitais por agentes da Polícia Federal, boa parte dos bolivianos que ainda vivem no Brasil de forma ilegal – os chamados de “indocumentados” – se recusa em ir a esses locais para receber tratamento adequado. Eles se submetem a tratamentos paliativos a fim de poderem continuar com as atividades profissionais, o que conseqüentemente agrava suas doenças.

No mês de março de 2010, os alambrados que cercavam a quadra, bem como as traves dos gols foram retirados do local com promessa de políticos para uma grande reforma. A associação ficou refém dessa promessa, pois não possui recurso para tal reforma e, infelizmente, até agora não há sinais para o início da reforma, o que impede a realização dos campeonatos, demonstrando uma grande falta de respeito a esse grupo, que fica suscetível às atrocidades de outros grupos mais poderosos.

A Bolívia ainda passa nos dias atuais por sérias crises econômicas e políticas, o que atrai ao Brasil um grande número de bolivianos com a intenção de buscar no país um “eldorado” de trabalho e de riqueza, o que efetivamente na prática não ocorre.

É necessário que a população paulistana, em primeira instância, aceite o fato de que essa imigração está ocorrendo em larga escala, para que, assim, se possa lidar de maneira mais equilibrada com a situação. Os sentimentos de alteridade (colocar-se no lugar do outro) poderiam contribuir para essa anuência, pois são públicas as exposições das difíceis condições de vida dos bolivianos em seu próprio país, em razão da falta de emprego, moradia, saúde e educação.

Respeitar as diferenças não significa aceitá-las, mas sim entender por que ocorrem, os sentidos e os significados das atitudes e dos procedimentos. As superações do racismo e do etnocentrismo deveriam estar além de qualquer outra atitude entre os povos.

Ver-se no planeta Terra como apenas mais um ser humano, entre tantos seres humanos, permite deixar de identificar nossa sociedade como a mais desenvolvida ou evoluída. Postula-se apenas que as sociedades são diferentes, entre tantas outras que existem e que ainda podem vir a existir.

Finalmente, acreditamos que os imigrantes se constituem em agentes de uma memória ética, de uma resistência justa e em sonhadores de uma utopia possível. São protagonistas de outra integração de anunciadores de um novo mundo possível, urgente e necessário.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

DAOLIO, Jocimar (2000). “As Contradições do Futebol Brasileiro”. In: CARRARO, Paulo Cesar R. (org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, v. 1, p. 29-44.

\_\_\_\_\_ (org.). (2005). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados.

\_\_\_\_\_ (2006). *Cultura, educação física e futebol*. 3ª ed. Campinas: Edunicamp.

EDEN, Colin e HUXHAM, Chris (2001). “Pesquisa-ação no estudo das organizações”. In: CLEGG, Stewart R.; HARDY, Cynthia e NORD, Walter R. (orgs.). *Handbook de estudos organizacionais*. São Paulo: Atlas, v. 2, p. 93-117.

ELIAS, Norbert (1994). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar.

FRANCO, Hilário Júnior (2007). *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras.

GIULIANOTTI, Richard (2002). *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria.

MAURICIO, Ivan (org.). (2002). *90 minutos de sabedoria: a filosofia do futebol em frases inesquecíveis*. Rio de Janeiro: Garamond.

POWNEY, Janet e WATTS, Mike (1987). *Interviewing in educational research*. Londres: Routledge & Kegan Paul.

REIS, Heloísa Helena Baldy dos (2006). *Futebol e violência*. Campinas: Armazém do Ipê/Fapesp.

SILVA, Sidney Antonio da (1997). *Costurando sonhos: trajetória de um grupo de migrantes bolivianos em São Paulo*. São Paulo: Paulinas.

\_\_\_\_\_ (1999). “Estigma e Mobilidade: o Imigrante Boliviano nas Confeções de São Paulo”. *Revista Brasileira de Estudos de População RBEP*, n.1/2, v.16, jan./dez.

\_\_\_\_\_ (2005). *Bolivianos: a presença da cultura andina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

\_\_\_\_\_ (2006). “Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade”. *Revista de Estudos Avançados*, São Paulo, n.57, v. 20, maio/ago.

TOLEDO, Luiz Henrique (1996). *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados/Anpocs.

XAVIER, Iara Rolnik e CYMBALISTA, Renato (2007). “A comunidade boliviana em São Paulo: definindo padrões de territorialidade”. *Cadernos Metrópole (PUC-SP)*, v. 17, p. 119-133.